

REVISTA LÜVO

SEXUALIDADES | SEXUALITÉS | SEXUALITIES



VOL. VI N° 2 (AGOSTO, 2019) ISSN 2665-2005 (EN LÍNEA)

REVISTA LÜVO

EQUIPO

Revisión, edición

Priscyll Anctil Avoine, José Bolívar

Diseño

Yira Miranda, Priscyll Anctil Avoine

Traducción, edición

Danielle Coenga-Oliveira

Diseño de la portada

Julia Fortier (IG: [@juliafortiergrenier](#))

Fotografías

Pixabay



Fundación Lüvo

Otra pedagogía, Otra política

Carrera 7 #65-74, apto. 202

Bogotá, Colombia

www.fundacionluvo.org

info@fundacionluvo.org



[@FundacionLuvo](#)



[@fundacionluvo](#)

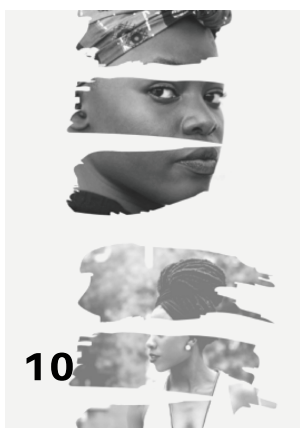
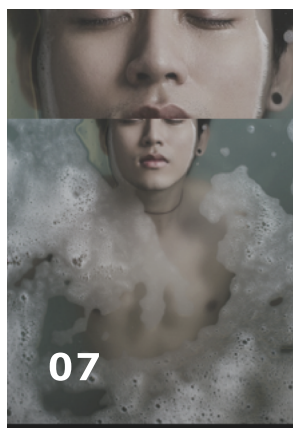


[@fundacionluvo](#)

TABLA DE CONTENIDOS

LÜVO

- 04** Editorial:
Lüvo-Love
- 05** Desear, besar,
trascender
- 07** Por que a
sexualidade alheia
incomoda?
- 10** Couvrir son corps pour
découvrir son identité
noire
- 12** El amor nos
mantiene a flote
- 13** Um mãe: a
maternidade
inventada
- 15** Cuando el amor
romántico ataca
- 17** Amanhecer da íris
- 19** Ano y placer.
Cuestionando los
silencios históricos
- 21** É quando o amor
romântico se
transforma em
violência?
- 23** Como uma identidade
pode começar com
um não?
- 25** Despatriarcalización
del lesbianismo
- 27** Sin-Vergüenzas



REVISTA LÜVO

www.fundacionluvo.org

EDITORIAL: LÜVO-LOVE

Sexualidades disidentes

Yira Isabel Miranda Montero

Trabajadora social (UIS)

Directora regional, Lüvo

IG: [@yiramirandamont](#)

yira.miranda@fundacionluvo.org

Priscyll Anctil Avoine

Doctoranda (UQAM)

Directora, Lüvo

IG: [@cyppp](#)

priscyll.anctil@fundacionluvo.org

Con este número de la *Revista Lüvo*, quisimos preguntar por las sexualidades disidentes, aquellas que se han declarado en procesos de liberación y que también están contemplando la posibilidad de subvertir las normas sociales que limitan la comprensión y el goce de las sexualidades. Quisimos iniciar unas reflexiones acerca de la descolonización de las sexualidades. Y hablar de descolonizar la sexualidad implica cuestionar los saberes que tenemos 'naturalizados' sobre la misma; también provoca entenderla como múltiple, vital, política, fluida, cambiante.

Elegimos buscar expresiones que habitaran las sexualidades desde las prácticas y que resistieran a la sexualidad encerrada en lo heteronormativo y obligatorio. Desde lo cotidiano existe una producción de conocimientos y saberes que, en la *Revista Lüvo*, reconocemos y deseamos divulgar. Es por esto que en la nueva edición encontrarán aportes críticos y pluriversos sobre las feminidades, masculinidades, paternidades, maternidades y compañerismo que luchan por existir y resistir como alternativas para relacionarse, negociar, llegar a acuerdos con justicia y cuidado. Este número busca interrogar los binarismos, lo naturalizado, las sexualidades diversas y los miedos que nos impiden gritar, desear y florecer.

Las preguntas por unas sexualidades descolonizadas venían asaltando nuestras mentes, en búsqueda de unas relaciones liberadas, equitativas y antisexistas. Esas preguntas, desde el sentir, la piel, pero también la rabia del cuerpo, nos han llevado a activar discusiones y emprender caminos solidarios de reconstrucción de la sexualidad. Caminos y senderos



que pasan por la vivencia misma de cada una y cada uno, en un ejercicio de liberar la palabra del sexo.

Este número contiene muchos cuestionamientos al « amor romántico », éste que se adueñó de nuestras vidas, dejando unas cicatrices sexo-afectivas indelebles. Quisimos indagar sobre otras formas posibles del amor compañero, del amor transgresor, en donde se expresa una revolución frente a la idea colonial del amor doloroso y la sexualidad violenta.

Transpaternidades, reflexiones sobre por qué nos incomoda conversar o escribir sobre sexualidad; despatriarcalizar el amor en parejas lesbianas y propuestas no binarias de las sexualidades son algunos de los temas que se tejen para formar el volumen VI, nº 2 de la *Revista Lüvo*. Fotografía, pintura, tatuajes, turbantes, crochet, cuerpos y narrativas nos permiten leernos y vivirnos en este significativo número: Sexualidades. Es Lüvo-Love

DESEAR, BESAR, TRASCENDER

Diana Carolina Castaño García
Historiadora, Universidad del Valle (Colombia)
diana.castanogarcia@gmail.com





« No solo la intelectualidad y el raciocinio son capaces de ir mas allá de los cuerpos. Cuando deseamos lo hacemos desde un lugar distinto a los estereotipos o a lo que se supone esta bien o esta mal, deseamos desde un lugar privilegiado que seguramente se ubica en alguna zona del cerebro, que mueve los sentidos, que se conecta besando. »

POR QUE A SEXUALIDADE ALHEIA INCOMODA? PARA ALÉM DO PRECONCEITO, QUESTIONAMENTOS DE CERTEZAS E CONTROLE SOCIAL!

Danielle Coenga-Oliveira

Pesquisadora feminista

Doutoranda em Ciência Política e Estudos Feministas

Université du Québec à Montréal

www.daniellecoenga.com

coenga_oliveira.danielle@courrier.uqam.ca

« *E, talvez, seja por isso que a sexualidade alheia incomode. Porque ela não fala do outro, ela fala de mim. Ela fala de nós enquanto sociedade [...]* »

Há muito tempo essa pergunta me inquieta. Por que a sexualidade alheia incomoda? Por que a liberdade sexual das mulheres e o uso que fazemos do nosso corpo ainda geram discussão? Por que as orientações sexuais não-heterossexuais e as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, assexuadas e as relações não monogâmicas causam espanto e se transformam em objeto de ódio? Por que tudo isso, em um dado momento histórico e social como o atual, é base para a criação do mito da *ideologia de gênero* e de uma suposta defesa da *família* que legitima violências e a intervenção do Estado na vida privada das pessoas? Por quê?!

Levada por esses questionamentos, começo minhas pesquisas. Fui movida por grandes curiosidades, mas, principalmente, estava engajada em contribuir para a compreensão do que explica a [tentativa de] intervenção de outras pessoas em algo que (em teoria!) é um aspecto tão *individual* como a sexualidade.

E é justamente nesse ponto, do aspecto individual, que minhas certezas

denotaram sua fragilidade. Nesses vários anos de reflexão, dos estudos da Psicologia aos da Ciência Política, é no conflito clássico das ciências humanas e sociais (entre social e individual) que minhas verdades foram (e ainda são) colocadas em xeque... Os limites entre o social e o individual são muito mais fluidos do que podemos nos dar conta.

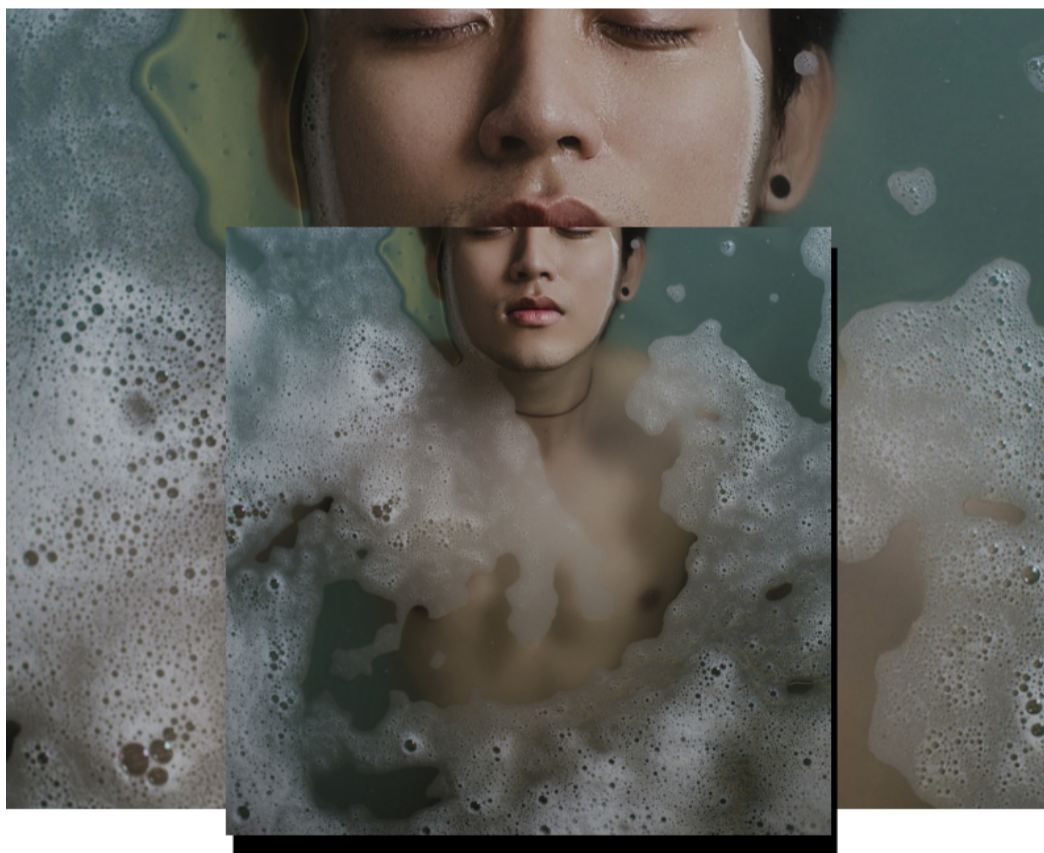
No contexto neoliberal em que vivemos, centrado no *eu* (no *me, myself and I*), onde os questionamentos, as culpas, os sofrimentos e as soluções para eles são continuamente voltados pra *si*, acredito ser imprescindível [se] questionar: e se muito do que acredito e sinto tiverem raízes para além do *eu*? E se esses se localizam em uma rede ampla, histórica e aprisionante de normas sociais? E se minhas verdades forem o resultado presente de ordens sociais que de tanto repetidas se tornam [aparentemente] inquestionáveis? São com essas perguntas desconfortáveis que, ao deixarem em suspenso nossas pretensas certezas, nos abrem a um universo de possibilidades.

Pensar no *porquê a sexualidade alheia incomoda* implica, assim, recentrar os debates sobre a sexualidade - sair do âmbito individual para entender as bases sociais onde preconceitos se formam, violências se legitimam e normas sociais se consolidam.

A construção da nossa percepção de mundo, da nossa personalidade, do que chamamos de identidade se dá em um contexto de conflitos de ideias e normas sociais. Nascemos em um mundo pronto e é esperado que nos adaptemos a ele.

O Estado brasileiro reforçou recentemente, pela voz de sua ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que meninas vestem rosa e meninos vestem azul. Está dado. Ouvimos desde muito cedo: "você é uma mocinha! Não sente com as pernas abertas!". São séculos de normas sociais finamente construídas e constantemente reiteradas. Às mulheres.. o privado, a casa, o cuidado, a emoção, a devoção. Aos homens, todo o resto. Às sexualidades.. aquela monogâmica, entre homem e mulher, por prazer talvez, mas certamente para a procriação. Às pessoas que fogem dessa norma.. putas!, *feminazis*, doentes, cura gay, discriminação, ódio, morte.

É assim que, com a ingenuidade e a prepotência de quem se considera o *ser da razão*, dividimos o mundo e as realidades em dois. Dois lados opostos, desiguais e supostamente naturais. Aliás, não é de hoje que os argumentos da *natureza* e da *normalidade*, ditados por Deus ou pela biologia, são usados para controlar nossos corpos e nossas ações.



Buscamos, em vão, a adaptação aos papéis sociais rígidos que, embora inalcançáveis, são diariamente impostos e controlados. Chegamos à vida com listas prontas do que é ser mulher e homem nessa sociedade. É entendido que somos, inquestionavelmente, heterossexuais. Aqui, parece não haver espaço para a diferença, para pessoas não-binárias, não-heterossexuais, não-monogâmicas e/ou quem não se sujeita à lista preestabelecida.

Acontece que o mundo é vasto para poder ser dividido em dois. As experiências, os desejos, as vivências são múltiplos e de infinitas configurações para poderem ser aprisionadas em categorias dicotômicas. Nosso amor, nosso desejo, nosso sexo despertam-se de forma que nenhuma categoria restrita pode lhes apanhar sem o uso da violência.

E, talvez, seja por isso que a sexualidade alheia incomode. Porque ela não fala do outro, ela fala de mim. Ela fala de nós, enquanto sociedade, que construímos a certeza da nossa identidade pela afirmação e o rechaço do que é diferente de nós - afinal, nos construímos sujeitos no interior de uma sociedade patriarcal, heteronormativa e racista, nos exige um enquadramento nos moldes que ela determina. Cumprir a lista atribuída aos papéis tradicionais de gênero significa, assim, assumir que tudo já está dado, é natural e que a única forma de ser no mundo é pelo enquadramento a esses.

Porém, o não cumprimento, o questionamento, a resistência, o ato de se rebelar contra tudo que (violentamente) nos é imposto e que supostamente é natural pode ser libertador. É pegar as rédeas da construção dialética das normas sociais e ousar construir e afirmar formas outras de estar no mundo que não sejam as hegemônicas. É, para além das liberdades individuais, a construção de condições de possibilidades para que toda vida conte como vida digna de ser vivida. Empoderamento, do qual tanto se fala voltado para o *eu*, não poderá nunca ser de uma pessoa só. Ele é coletivo. Ele fala de condições de poder viver, de se estar forte, presente e respeitada no mundo.

É, então, que sobre sexualidades, sobre mulheres, homens, pessoas, sobre certezas (enfim!).. proponho pensar que por trás de tudo que parece natural, a-histórico, dado, privado, individual, meu.. há construção, há social e histórico, há coletivo e partilhado. "Atrás das coisas há 'algo inteiramente diferente': não seu segredo essencial e sem data, mas o segredo que elas são sem essência, ou que sua essência foi construída peça por peça a partir de figuras que lhe eram estranhas", como nos disse Foucault (2009, p. 18).

A sexualidade alheia incomoda porque ela escancara as falhas da estrutura heteronormativa. Ela incomoda por nos obrigar a olhar e nos posicionar sobre as relações de gênero, relações essas de poder dos homens sobre as mulheres, da heterossexualidade sobre outras formas de viver o corpo, o desejo. Ela é desconfortável porque nos obriga a ampliar nossos olhares para além da norma e a questionar sua suposta natureza. Ela nos conduz, assim, a colocar em prova nossas certezas, a reconhecer que o *eu* não é o centro mundo e que o *'ser como eu'* não pode ser base para impor normalidades ou para justificar violências. Ela nos

impulsiona, sobretudo, a reconhecer que, diferente de mim, existem inúmeras outras vidas. E que elas são também dignas de serem consideradas e respeitadas como vida.. que são dignas de serem vividas na sua forma mais plena.

Sigamos com a coragem e o prazer do desconforto de questionar nossas certezas! Sigamos, acima de tudo, construindo espaços onde qualquer pessoa seja respeitada, onde vidas sejam valorizadas e onde diferenças sejam instrumentos de aprendizado. *Sigamos juntxs*, porque as lutas são coletivas!

Referencias bibliográficas

Foucault, M. (2009). Nietzsche, a Genealogia e a História. *Microfísica do poder* (27 ed., p295). São Paulo: Graal.

COUVRIR SON CORPS POUR DÉCOUVRIR SON IDENTITÉ NOIRE

Maud Jean-Baptiste

Candidate au doctorat, Université de Montréal

m.jean-baptiste@outlook.fr

Bien souvent lorsque l'on évoque ce que représente le port d'un signe religieux, nous faisons appel à toute la dimension spirituelle qui a accompagné ce choix. Pour certains signes religieux, d'autant plus quand ils sont portés par des femmes racisées, ce choix est souvent contraint de fournir des explications rationnelles et compréhensibles pour un auditoire qui *de facto* cherche à découvrir une influence extérieure. Je souhaite ici aborder le processus identitaire que ce choix entraîne. Car oui, porter un foulard change du jour au lendemain la façon dont nous sommes perçues dans notre cercle familial, dans notre propre communauté et bien sûr, dans la société. Et, évidemment, l'identité se construit essentiellement à travers les relations interpersonnelles.

La décision de porter le hijab s'est accompagnée pour moi d'une redéfinition de mon rapport au corps. Ce fût un cheminement constructif, mais aussi violent que de choisir de ne plus me définir par mon apparence physique à une période de ma vie où c'était central. Il était alors question de me concentrer sur le perfectionnement de ma personnalité, l'amélioration de mes comportements, l'élaboration de mes aspirations, mais surtout, l'acceptation progressive de mon corps. *A posteriori*, je peux dire que j'ai puisé mon agentivité, mon pouvoir d'agir, dans ce qui n'est, finalement, qu'un bout de tissu.

Néanmoins, plus je trouvais cette force en me remettant au centre de mon propre corps, plus j'observais les injonctions implicites de ma communauté pour mettre mon hijab d'une certaine façon. C'est à ce moment que j'ai entamé une profonde introspection sur mon identité. Étant issue d'une union mixte et convertie à l'islam, je n'avais



**« La décision de porter le hijab
s'est accompagnée pour moi
d'une redéfinition de mon
rapport au corps »**

jamais eu jusqu'à ce moment précis à me questionner sur mon appartenance aux communautés noires. Mais en entrant dans cette communauté religieuse dans un contexte français, j'ai pu remarquer qu'il existe vraisemblablement des interprétations hégémoniques de l'islam qui sont ancrées dans des réalités nord-africaines.

De ces interprétations hégémoniques découlent une « féminité hégémonique islamique » qui dépeint ce qu'une femme musulmane devrait être, notamment dans son habillement (Wheeler, 2017). Ne me retrouvant pas dans les représentations imposées empreintes de codes culturels qui ne prenaient racine dans aucune de mes propres références personnelles, j'ai longtemps été en tension sur ce sujet. J'avais l'impression d'étouffer cette identité noire que je ne m'étais pas encore appropriée notamment parce que mes traits physiques prêtaient à confusion et que l'on ne m'associait aux communautés noires que très rarement.

Cette tension a été bénéfique dans ma construction identitaire, qui elle, m'a préparée à faire face aux nombreux épisodes négrophobes dont j'ai pu être victime depuis. Petit à petit, j'ai commencé à me créer une « féminité alternative » par l'adoption de certains codes vestimentaires marqués culturellement comme noirs. J'ai progressivement

décidé d'utiliser des manières de nouer mon hijab issues de mes origines culturelles.

C'est sans nul doute un positionnement politique en opposition avec l'hégémonie interne aux communautés musulmanes, mais je souhaitais l'ancrer dans un historique issu de mon propre héritage. Le turban (ou *maré tèt*) était porté par les femmes noires en situation d'esclavage dans les colonies françaises des Amériques (dont je suis issue). Elles avaient interdiction de laisser leurs cheveux crépus à la vue d'autrui. À l'époque, les femmes blanches avaient également cette interdiction, mais se paraient de grands chapeaux. Les femmes noires en situation d'esclavage avaient seulement à leur disposition des bouts de chiffons. Elles les ont donc noués sur leurs cheveux comme exigé, mais en hauteur, en signe de protestation et de résistance. Cet héritage d'opposition à l'oppression est quelque chose que je souhaite à mon tour transmettre. Même si cela passe par une manière de mettre son hijab.

C'est pour cela qu'aujourd'hui, je peux dire fièrement que la réappropriation de mon corps, puis celle de mon hijab dans le but de dénoncer une hégémonie, ont fait émerger cette volonté forte de célébration de mes racines noires et de mon histoire.

Références bibliographiques

Wheeler, Kayla Renée. 2017. How YouTube Made the Hijab Cool: Race, Gender, and Authority in the American Ummah. Ph.D. diss., The University of Iowa, <https://search.proquest.com/docview/1933727041?accountid=12543>.

EL AMOR NOS MANTIENE A FLOTE

Zulay Rueda Rueda

IG: [soyazul16](#)

zucaruru29@gmail.com

A lo largo de la vida de un ser humano, le enseñamos que el encontrar el amor de su vida será su principal meta. El gran problema es que muchos factores sociales como la cultura y todas sus manifestaciones, interfieren en ese concepto de amor; así, durante muchos años nos auto engañamos respecto a esta palabra tan utilizada universalmente.

Dedicamos gran parte de nuestra energía vital buscando ese ser humano indicado o, en el peor de los casos, nos moldeamos para encajar en ese ideal de amor de otros invirtiendo un valioso tiempo esperando que el exterior nos brinde la anhelada felicidad.

Es un delito moral seguir reproduciendo la idea de que existe una mitad de nosotros perdida por el mundo y si no lo hallamos la felicidad nunca será completa. Es hora de enseñarle a los niños y niñas que el amor de su vida son ellos y ellas mismas, que no deben buscar inalcanzablemente hacer feliz a los demás; que la única felicidad que deben cultivar es la propia y esto no quiere decir que se una lección egoísta, porque, ¿cuándo han visto una persona desdichada repartiendo amor?

Cuando te amas y eres feliz por tus propios medios lo único que reflejarás será lo mismo.



UM MÃE: A MATERNIDADE INVENTADA

Ernesto Nunes

IG: [@ernesto_neonunes](#)
ernesto78nunes@gmail.com

O caminho de tornar-se sujeito ou assumir uma identidade dissidente dos padrões cis normativos faz a gente se deparar com algumas coisas muito naturalizadas. Era início do semestre no trabalho, faríamos uma atividade corporal dessas de se alongar, perceber o corpo, movimentar-se. Entre orientações da terapeuta corporal e uma solicitação ou outra de respirarmos profundamente ela comentou: "vamos lembrar que temos corpo". Ri um pouco consternado e achando engraçadinha a frase, me dando conta que enquanto pessoa Trans nunca esqueço que tenho corpo. O corpo, e todo atravessamento político que ele tem, marca fortemente o cotidiano de uma pessoa transgênero, transexual ou travesti. Ele é um corpo "não recomendado à sociedade". Da gama de privilégios que as pessoas cis têm, em especial brancas e homens, uma delas é poder esquecer que têm corpo.

Enquanto homem trans a minha vivência corpórea é cheia de peculiaridades. Dentre elas, uma das mais inusitadas desse meu transviver talvez seja a experiência da maternidade. Há mais de 20 anos, *pari* um menino lindo. (Naquele momento, ainda não tinha consciência da minha identidade trans). Nunca quis ser mãe, nunca me foi confortável o lugar de maternidade porque não era confortável o lugar de mulher. Engravidei sem planejar e sem desejar, fui inventando o desejo no meio do

caminho. Frequentava a igreja evangélica, o que tornava as coisas mais delicadas. Segui o protocolo materno: me casei, *pari*, amamentei. Na maior parte do tempo detestava a experiência social pré desenhada da maternidade. Fui inventando outros jeitos de vivê-la. Entre as recorrentes tentativas de suicídio, fui criando um filho para que ele não tivesse mãe. Precisava que ele fosse suficientemente bom para ele mesmo e para o mundo. Eu mal sabia o fim dessa história.

Uma data bem emblemática desse processo era o dia das mães. Nesses quase 19 anos, era uma data solenemente ignorada, quase interdita, na minha relação com meu filho. Ele já sabia: não há nada de importante no dia das mães, sem presente, sem parabéns. Não, não tenho nenhuma experiência dolorosa prévia com essa data: ainda tenho uma mãe viva, muito amorosa, suficientemente boa. O problema foi essa comemoração entrar na minha vida assim, me empurrando para um lugar impensado. Fiz durante anos, ainda que sem saber, a acrobacia simbólica de rejeitar a maternidade sem rejeitar um filho. Fui aprendendo que são coisas que andam juntas, mas são distintas. Criei um menino que logo depois de começar a falar parou de me chamar de mãe passando a me chamar pelo meu nome. Já entendendo o interdito que nem eu mesmo sabia que havia criado nesse lugar maternal.

«A maternidade feminina
como posta é, em alguma
medida, uma estratégia de
dominação»

A maternidade é uma categoria política, atribuída exclusivamente às mulheres, que opera a partir de alguns pressupostos de gênero. Por meio do binômio mulher-mãe, o ideal de maternidade se constrói posicionando mulheres em papéis sociais relacionados ao cuidado, ao afeto e à docilidade - que, de tão bem articulados, parecem naturais. Fazendo uma leitura crítica desse binômio é notório que a concepção partilhada de maternidade, construída socialmente como é feita, pode ser pensada como um mecanismo de controle e de apropriação do corpo, do tempo e do desejo das mulheres. A maternidade feminina como posta é, em alguma medida, uma estratégia de dominação.

Meu processo de me entender e me assumir como homem trans e iniciar a terapia de hormonização é recente, tem pouco mais de 3 anos. Neste ano, no

dia dos pais meu irmão me deu parabéns, ele muito feliz de não estar mais errando tanto meu gênero e, mais que isso, lembrando no dia dos pais que tenho um filho e logo, sou pai. Ri, agradei e achei amoroso, mas reiterei que não era pai, que era mãe mesmo: "Com assim? Ah não, muito confuso. Eu me esforço aqui pra não errar nada, mudar tudo para o masculino e agora você me vem com isso de mãe?"

De alguma maneira, me apresentar como mãe traz um choque para quem escuta, mesmo as pessoas trans. A lógica binária cartesiana e as dinâmicas de poder próprias das relações (e desigualdades) de gênero não desaparece no universo trans (sinto impregnado em mim, homem trans binário). Ela é mexida, redimensionada e ganha potência e transformação, mas não desaparece. Hoje, se minha companheira escolhesse ter um filho ou se eu adotasse uma criança, certamente me entenderia como pai. Sou mãe do meu filho grande porque fui socializado enquanto mulher e vivenciei todas as angústias da maternidade feminina (a culpa, os pesos inerentes a esse lugar, a sensação de perder-se enquanto sujeito no processo de maternar...).

Poderia dizer que reivindico o lugar de maternidade como homem trans, mas sinto que é bem menos pretensioso que isso. A maternidade está aqui no meu corpo, e não pela cicatriz da cesárea ou pelo fato de ter gerado biologicamente e amamentado uma criança (isso não faz de ninguém mãe) isso é processo biológico de reprodução ou apenas um dos caminhos possíveis para se conceber uma futura maternidade. Mãe nenhuma nasce no parto. A maternidade se constrói na subjetividade e no corpo des sujeitos Ela está no meu corpo masculino (esse que, como disse no início do texto, não esqueço que tenho). Esse corpo que escolheu existir e só existe a partir da própria história e, na minha jornada, tem a experimentação do lugar de maternidade feminina (dolorosa e angustiante). Maternidade essa que só foi possível ser reeditada depois de 18 anos e que me permitiu fazer as pazes com esse lugar de mãe na maternidade masculina.

Hoje, assim Ernesto, me vejo pós parido de mim mesmo, aprendendo a ser um homem, reconectando-me com aspectos profundos em mim que eu não conhecia. Assumo minha existência e todos os presentes que ganhei no caminho de chegar até aqui, dentre eles, a maternidade. Nasço,

eu mãe, ao lado de um filho já grande numa brincadeira de dobra do espaço tempo e ouço algumas vezes: "Nossa! sua voz tá igual a do seu filho", "você tá ficando com uma barba muito parecida com a dele!". O menino filho veio primeiro e o mãe homem, depois. Me pareço com meu filho, homem amoroso, criativo, sensível e forte e é bom tê-lo como parâmetro de masculinidade e ainda saber que é resultado desse meu caminho torto de maternidade. Dá um calorzinho no coração tão indizível e um alívio no corpo como quem chega no fim de uma montanha russa e diz: ufa, ficou tudo bem!

Hoje consigo falar sem peso sobre a maternidade, fincando uma bandeira própria nesse lugar. Apesar dos vários estranhamentos, sim sou o mãe do meu filho.



CUANDO EL AMOR ROMÁNTICO ATACA



Diana Carolina Perdomo Brito

Abogada

dianacarolinaperdomob@gmail.com

*« Me apagué un poco pero me volví a encender.
Porque yo siempre puedo, siempre pude y siempre
podré » (tomado del perfil @amorydrama)*

¿El amor romántico? Llevo años tratando de entender este concepto y tratando de digerirlo y sobre todo de aplicarlo a mi "vida amorosa". Hasta ahora lo único que entiendo es que lo buscamos y lo idealizamos, como un factor importante en nuestra felicidad. Y sí, puede llegar a ser algo lindo pero con crítica. Pero, ¿por qué criticarlo? A través de los años nos han vendido el amor como algo indispensable para tu realización como mujer, aparte de estar cargados de fundamentalismos religiosos y sociales, que han hecho que las mujeres aceptemos cualquier expresión de amor como parte esencial de nuestra vida, así esté lleno de celos, fracasos y odios (generalmente a nosotras mismas). Hemos crecido en una sociedad que nos lleva a buscar pareja para completar algo que debería estar ya completo.

Cuando empecé a entender este concepto me di cuenta de muchas cosas que me pasaban y que me faltaban como mujer, pero no solo a mí... escuchaba y veía a otras mujeres en mi círculo con las mismas

dudas, entendiendo el amor como una necesidad o enfrascadas en relaciones tóxicas, codependientes, llevadas por estructuras sociales, desde la fidelidad, exclusividad, el matrimonio, entre muchas más. Nos han puesto tantas condiciones en el amor durante mucho tiempo, que dejó de ser un proceso más personal e íntimo, a convertirse en un proceso de cumplir expectativas externas.

Entendí que este concepto siempre nos iba a poner en una situación de debilidad, pero esto lo entiendes cuando estás pasando por una tusa. Y ahí es cuando decides elegirte.

¿Por qué elegirte? En el amor romántico idealizamos todo: desde lo que escuchamos, lo que vemos y hasta lo que queremos, estamos más pendientes de lo que la persona quiere escuchar y cómo se siente, del cómo realmente nos estamos sintiendo, qué no podemos vivir sin esa persona, que el amor duele... en fin, muchas más cosas. Llenamos a la pareja de expectativas muy altas que cuando no se cumplen, nos lastiman y los llenamos de culpa a ellos, pasamos por mil historias en la cabeza solo para autosabotearnos, ¿por qué? Porque el amor romántico te enseña que el amor tiene que doler, que las parejas deben hacer actos grandiosos para compensarte, pero el amor no duele, de ninguna forma, si

duele es porque es otra cosa, son miedos, apegos o que se yo. (Es lo que entiendo)

Una de las críticas que más tengo hacia el amor romántico es que durante mucho tiempo ha positivizado la violencia hacia las mujeres, hemos entendido que cualquier tipo de violencia, ya sea física, emocional, económica; (hay tantas que a veces se hace difícil identificarla) como los celos, los gritos, la dependencia, es algo que nos hace sentir queridas y deseadas. Esos micro machismos que tenemos arraigados permiten no solamente que sigamos viendo una violencia selectiva hacia las mujeres (de todas las edades), sino que también está condicionando la conducta social que adaptamos hacia una relación o esa actitud positiva o negativa referente al amor.

Cuando te eliges, lo haces como un pacto contigo misma, no es pasar a ser una persona egoísta y que no crees en las relaciones, el pacto que haces es para cuestionarte que significa el amor para ti, cómo concibes la relación de pareja, pero sobre todo es primero aprender y desaprender a quererte (muy trillado) pero sí, estamos llenas de inseguridades, de miedos y de carencias, que están ligadas a las creencias del amor romántico que tenemos y aunque muchas veces no lo vemos así, cuando algo en lo que creías durante tanto tiempo, se cae, te puede volver mierda. Pero vale la pena desaprender como te ha enseñado la sociedad a quererte y a querer, y es ahí cuando te sientes libre.

Claro que el amor puede ser libre, cercano, compañero y maravilloso, pero desde la honestidad con uno mismo y el otro, sin sentirnos culpables o en deuda por lo que hacemos, mantenerte en una relación es una elección y siempre desde una posición de igualdad.

Les dejó esta frase que escuché en un podcast. "El opio de las mujeres es el amor."

Mientras ellos se dedicaban a gobernar las mujeres se dedicaban a amar"



« AMANHECER DA ÍRIS »

Danielle Camurça
camurca.dani@gmail.com
IG: [danielle.camurca](https://www.instagram.com/danielle.camurca)

”

Desde que me redescobri como artista, as mulheres foram pra mim a principal fonte de inspiração. Mulheres em toda sua diversidade. Mulheres negras, lésbicas, indígenas, transexuais, das com mais às com menos idade. Também foram, as pessoas *_queers_*, não-binárias, com necessidades especiais e todas aquelas que representam a nossa luta diária de libertação dos padrões tradicionais e aprisionantes de gênero. Pelo amor, pela autonomia dos nossos corpos e pelo nosso espaço na sociedade.

“



ANO Y PLACER. CUESTIONANDO SILENCIOS HISTÓRICOS

Jeysse Estefanía Jiménez Amaya

Trabajadora Social Universidad Industrial de Santander (UIS)

jeysse.jimenez@gmail.com

Como diría Silvio Rodríguez (1978) cantautor y poeta cubano *"mi madre, su hermana, y todos los siglos de colonialismo español que no en balde"* han tratado de hacerme cobarde, y de paso, sumisa y acrítica frente a los discursos dominantes, entre ellos, los emitidos frente a la sexualidad. Esos que, desde mi perspectiva, insertaron en nuestros cuerpos e imaginarios miedos y culpas a lo largo de nuestras vidas. En este sentido, según Preciado (2002), Foucault identificó cuatro dispositivos que nos permiten comprender la sexualidad como tecnologías, que han contribuido a mantener el orden heteropatriarcal. *"Estas cuatro grandes tecnologías de la sexualidad según Foucault son: la histerización del cuerpo de la mujer, la pedagogización del sexo del niño, la socialización de las conductas procreadoras y la psiquiatrización del placer perverso"* (Preciado, 2002, p. 71).

En esta ocasión, nos detendremos en la socialización de las conductas procreadoras y como las mismas han ejercido un poder coercitivo sobre la sexualidad de los seres humanos ubicados en culturas patriarcales, esas que desde sus prácticas discursivas han naturalizado el machismo y los procesos de colonización, siendo estos dos últimos, transversales a todas las instituciones, con la intencionalidad de establecer un orden incuestionable, que de ser transgredido traerá consigo una serie de sanciones divinas, familiares y sociales. Dentro de dicho orden se establecen solo dos formas legítimas de ser y, las mismas, están directamente relacionadas con el sexo biológico "hombre y mujer"; no hay espacio para la diferencia, no hay una tercera o cuarta forma legítima de ser, esto resulta impensable.

"Hombre" y "mujer", pues, también hay una forma legitimada de serles. Según Facio (2005) el hombre instaurado en el imaginario patriarcal es blanco, monoteísta, rico, en edad productiva y reproductiva, sin discapacidades físicas y heterosexual. Lo que

deja por fuera del espectro social las formas alternativas como diría Orlando Fals Borda (2016) de sentipensar¹ la otredad. Para el caso de las mujeres, dentro de esta cultura, se es aún más digna, si somos blancas, sumisas, dependientes emocional, sexual y económicamente, heterosexuales, madres, abnegadas, asexuadas y esposas del "hombre" mencionado anteriormente, vínculo que tendrá como una de sus finalidades más importantes: la procreación. En este sentido Puyana (2000) afirma que *"en la dinámica de la estructura patriarcal, la mujer construye su identidad sobre el hecho de ser esposa y madre"*. Ante este panorama, la sexualidad quedaría reducida al simple hecho de la utilización de la vagina y el pene para la preservación de la especie, sin la posibilidad de hablar de placer, goce, orgasmos y, especialmente, del ano.

A la hora de hablar de la descolonización y deconstrucción del modelo heterosexual, sin duda debemos cuestionar los silencios históricos frente al ano, por qué se ha considerado una práctica pecaminosa y exclusiva de parejas homosexuales... ¿Será porque el mismo no apunta a la reproducción humana? ¿Será porque todas (os), sin excepción, tenemos uno? Según Preciado (2002, p. 27) el ano *"es un centro de producción de excitación y de placer que no figura en la lista de puntos prescritos como orgásmicos"*, aun cuando el mismo -el orgasmo logrado a través de la estimulación y/o penetración anal- sea grandioso; así podemos describirle quienes hemos tenido el placer de vibrar voluntariamente con el sexo anal.

Reflexiones finales: Primero, la descolonización sexual, no es un asunto de un día; hay un cúmulo de represiones históricas que, a través de los años, han quedado inscritas en nuestros cuerpos, de ahí que sean necesarias nuevas pedagogías, nuevas formas de comunicarnos y la construcción de nuevas sexualidades orientadas más al goce y disfrute de

¹ Pensar con el corazón y con los sentimientos.

nuestros cuerpos... porque precisamente son nuestros. Segundo, desde mi experiencia, los diversos feminismos y las masculinidades no hegemónicas nos brindan un lugar en constante construcción y deconstrucción para poder ser desde nuestras diferencias, un lugar de habla, como esta Revista, por ejemplo, en donde como diría Viveros (2007) retomando a otras autoras, es posible dejar fluir aquellas "subjetividades subalternizadas" que son claves para la construcción de un diálogo cultural constante. Tercero y último, subvertir el orden heterosexual, es quizá una deuda histórica² que tenemos con nuestras y nuestros ancestros - ubicados en un contexto heteropatriarcal, como el Santandereano, por ejemplo - y sus posibles vidas

cargadas de represiones, para este caso, específicamente las sexuales.

Finalmente, si te animas a explorar el sexo anal, recuerda que esta práctica nada tiene que ver con tu identidad sexual -independientemente de si penetras, eres penetrado (a) o disfrutas de las dos- adicionalmente, puede ser practicada de forma individual, o consentida por tu pareja, o en acuerdos colectivos, todo está en tu deseo, imaginación y la complicidad que encuentres en tu camino. Muchos preservativos, mucha conciencia crítica y propositiva, muchos lubricantes a base de agua, orgasmos y squirts para tu vida, sin que ello implique miedos y/o culpas.

Referencias

- Rodríguez, S. (1978). La familia, la propiedad privada y el amor [Grabado por S. Rodríguez]. De *Al final de este viaje*. Madrid, España: P. Orlando.
- Preciado, B. (2002). *Manifiesto contra-sexual. Practicas subversivas de identidad sexual*. Madrid, España: Opera prima.
- Facio, A. (2005). Recuperado el 26 de marzo de 2018, de Feminismo, Género y Patriarcado: <http://centreantigona.uab.es/docs/articulos/Feminismo,%20g%C3%A9nero%20y%20patriarcado.%20Alda%20Facio.pdf>
- EL ESPECTADOR. (2016). *Fals Borda, 'sentipensar' la Universidad Nacional*. Obtenido de <https://www.elespectador.com/noticias/educacion/fals-borda-sentipensar-universidad-nacional-articulo-614773>
- Puyana, Y. (2000). ¿Es lo mismo ser mujer que madre? Análisis de la maternidad con una perspectiva de género. En A. Robledo, & Y. Puyana, *Etica, masculinidades y feminidades* (págs. 89-126). Bogotá., Colombia: CES UN.
- Viveros, M. (2007). De diferencia y diferencias. Algunos debates desde las teorías feministas y de género. En J. Anderson, J. Barreto, A. Cabezas, G. Castellanos, G. Herrera, M. León, . . . M. Viveros, *Género, mujeres y saberes en América Latina: Entre el movimiento social, la academia y el Estado*. (ISBN: 978-958-701-839-4 ed.). Bogota, Colombia: Universidad Nacional de Colombia.



² Ya que no en todos los contextos ha sido igual, algunas de nuestras ancestras y ancestros, por ejemplo, han practicado, mundialmente, diferentes formas de sexualidad disidentes que nada tienen que ver con la procreación. Revisar casos como los de Ruanda: <https://newint.org/features/web-exclusive/2017/12/15/kunyaza-rwanda-sex-equality>

E QUANDO O AMOR ROMÂNTICO SE TRANSFORMA EM VIOLÊNCIA? REFLEXÕES SOBRE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Shayane Fonseca da Conceição

Psicóloga Clínica

IG: [shayane.fonseca](https://www.instagram.com/shayane.fonseca)

shayfc@hotmail.com

Podemos pensar que o amor é, sobretudo, ser tolerante às imperfeições do outro, é a possibilidade de vivenciar as diferenças e não se anular diante da pessoa amada. Amor é a reciprocidade contínua. É dar-se conta de que o outro não é a sua parte faltante, na medida em que você não completa o outro, o relacionamento é pautado na parceria. No entanto, a ideia do amor romântico, postulado como o centro da felicidade plena e realização pessoal, traz embutido o peso da frustração àqueles que não encontraram a sua “alma gêmea”.

Aprendemos a crer que amar romanticamente é uma tarefa simples e ao alcance de qualquer pessoa razoavelmente adulta, madura, sem inibições afetivas ou impedimentos culturais. O sentimento do insucesso amoroso é, por isso mesmo, acompanhado de culpa, baixa da autoestima e não de revolta contra o valor imposto, como na situação de preconceito. Poucos são capazes de duvidar da “universalidade” e da “bondade” deste amor culturalmente oferecido como algo sem o que nos sentiremos profundamente infelizes (Costa, 1998, p. 35).

Então, é no peso imposto pelo ideal de amor romântico, que muitos relacionamentos se sustentam e seguem. Em nome de um amor perfeito, muitos relacionamentos são constituídos a partir de um vínculo afetivo e sexual que tem a violência como uma de suas formas de expressão. O carinho e a preocupação, sempre presentes na relação, que outrora foram genuínos, vão ultrapassando os limites do respeito e se tornando uma forma de controle, mas ainda assim, disfarçado de cuidado.

Nesse sentido, cabe perguntar: e quando, de maneira muito sutil, o amor vai se manifestando de

forma violenta? Essas reflexões nos levam a questionar sobre os conflitos gerados pela idealização do amor romântico e a naturalização de comportamentos abusivos dentro de uma relação afetiva. É assim que, partindo de experiências relatadas por mulheres que vivenciaram um relacionamento abusivo, proponho essas reflexões.

Em alguns relatos partilhados, as atitudes abusivas passam, inicialmente, despercebidas. O ciúme e a posse são deturpados na imagem de amor e zelo.



Então, em um dado momento, é que o comportamento violento se manifesta como a última alternativa de se manter o poder sobre o outro, visto como o seu objeto.

A romantização de comportamentos abusivos, como, por exemplo, o ciúme e o excesso de cuidado, que refletem no controle do tempo e da liberdade do outro, mascara a violência silenciosa na vida de um casal. Para além do privado e individual, é de extrema relevância destacar também a influência do contexto social e das mídias que consumimos diariamente acerca da naturalização das violências. Somos, a todo tempo, bombardeados por músicas, livros, filmes e programas de televisão que naturalizam violências cotidianas, reforçam tradicionais papéis de gênero (e a subjugação das mulheres no contexto de um relacionamento afetivo) e traduzem por amor o que é, muitas vezes, violência. Podemos afirmar, sem medo, que a nossa cultura naturaliza o abuso, de forma que é difícil até para a própria vítima se dar conta do que se passa com ela. Me lembro de ter escutado:

“[...] nós parecíamos o casal perfeito. Tudo acontece muito rápido, muito envolvente. A paixão era muito grande, a vontade de estar junto. Só percebi, muito tempo depois, quando olhei para mim e me vi destruída, fisicamente e psicologicamente. Estava muito desmotivada. Não tinha força, me sentia fraca, humilhada e passada para trás [...]”

Podemos perguntar: o que nos leva a ficar em um lugar de dor e sofrimento, nos submetendo à violência, acreditando que essa é uma forma de cuidar e amar? O medo de estar só e a insegurança de não ser novamente amada é constantemente reforçado pela necessidade de validação do outro. “Não se trata apenas de efetivamente “ser escolhida”, mas de se sentir passível de ser escolhida, de se sentir desejável” (Zanello, 2018, p. 269). É estar em uma relação onde você não se sente mais bem quista, onde você se anula como mulher, deixa de viver a sua sexualidade, no entanto é o lugar que você consegue estar no momento. E assim, o silêncio vira o seu grande aliado, como um escudo de proteção. O relacionamento abusivo tem a força de calar a nossa voz.

“[...] não percebia o que ele fazia, ele sempre foi muito carinhoso, mas aos poucos me sentia aprisionada. Não podia sair. Nenhum passeio. Eu nunca o enfrentei, nunca questionei, não queria perder o pouco de liberdade que eu tinha...”


E o preço que se paga ao sair desse relacionamento? E o quanto custou viver dentro dele? A autoestima, a confiança, a felicidade ou a sua própria vida? Um amor, que inicialmente era um conto de fadas, vai se constituindo com base no sofrimento, sacrifícios e renúncias. Precisamos nomear corretamente essa forma de amor - como diria Firestone (1970), o amor romântico é um amor corrompido por seu contexto de poder, é uma ferramenta cultural do poder masculino para impedir que as mulheres percebam sua condição de liberdade.

Escutei de uma das mulheres que, apesar de nunca ter sofrido violência física, se deu conta de que seu companheiro a estava matando. Ela estava adoecendo e cada dia mais infeliz. Foi, por esse motivo, que conseguiu forças para colocar um fim na relação. Ela confessou que saiu “destruída” por dentro e por fora. Tudo isso me fez pensar nas consequências ou sequelas do relacionamento abusivo: a destruição simbólica, como no caso citado, mas também a destruição real, como os inúmeros casos de feminicídio nos mostram a cada dia.

Mas, onde há destruição também há resistência! E assim, é importante ressaltar que a mídia, assim como funciona como produtora e reprodutora da romantização do relacionamento abusivo, também é uma grande aliada como rede de assistência às mulheres. Cada vez mais surgem grupos de apoio, principalmente nas redes sociais, como um espaço seguro de escuta, acolhimento e orientações às mulheres vítimas de violência. É lindo e inspirador ver que, diante de uma sociedade tão machista e desigual, cresce o número de mulheres que se unem para ajudar outras mulheres, fortalecendo a nossa luta diária. O empoderamento dessa mulher fragilizada é um pequeno, mas importantíssimo passo frente a grandiosidade desse fenômeno. Não podemos e não vamos deixar que ninguém nos cale! Sigamos juntas!

Bibliografia

- Costa, J.F. (1998). Sem fraude nem favor. Rio de Janeiro: ROCCO.
- Firestone, S. (1970). The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution. EUA: Farrar, Straus & Giroux.
- Zanello, V. (2018). Saúde mental. Gênero e Dispositivo. Cultura e Processos de Subjectivação. Brasília: Appris.



COMO UMA IDENTIDADE PODE COMEÇAR COM UM NÃO?

Reflexões sobre a construção do mundo
cisgênero e a existência da não
binariedade

Lucas Dantas
IG: [@lucasdants](#)
4121lucas@gmail.com

É com esta pergunta que escolho iniciar este texto para falar sobre a não binariedade e destilar informação sobre uma comunidade estigmatizada, invisibilizada e hostilizada socialmente, a comunidade transgênera. Não há como entender a não binariedade sem antes entendermos a binariedade. Não há como entender a binariedade sem entendermos a cisgeneridade. E entendendo esse processo destinatário e violento de gênero podemos compreender o que são corpos não binários e a multiplicidade de corpos trans existentes

Quando a palavra gênero surge em sociedade ela vem de uma pesquisa realizada onde o objetivo era comprovar que gênero é a maneira cultural com que escolhemos vivenciar as masculinidades e feminilidades de cada tempo. Gênero são as imposições de cada cultura destinadas ao nascimento a partir do órgão genital (pênis x homem, mulher x vagina), sobre direitos e deveres de como deve ser um homem e uma mulher desde o berço até o fim de sua existência em sociedade. Vivenciar gênero em sociedade é então performar aquilo que impuseram sobre sua cultura, ou sair totalmente fora dela. A esse processo de destinação dado no nascimento e ao decorrer da vida chamamos cisgeneridade.

Cisgeneridade seria então um destino de gênero, implementado aos corpos desde o nascimento, sendo este o momento em que a binariedade é instaurada. Binário significa dois, duas possibilidades de existência atreladas aos órgãos genitais. Se o bebê nascer com pênis é homem, se nascer com vagina é mulher. A partir dessa constatação um destino se cria, uma cartilha é instaurada a assegurar a vivência desse corpo. Essas duas possibilidades de gênero criadas pela cisgeneridade vão controlar e moldar os corpos, implicando na escolha do nome, das roupas, dos brinquedos, do comportamento, da postura, da retificação nos documentos oficiais, do que se pode ou não fazer, do que se deve ou não ser, quem se deve amar e uma infinidade de regras de gênero!

Todo corpo que não atende as demandas deste caminho e quer se deslocar dele é então um corpo trans. Um corpo trans é um corpo que se deslocou da cisgeneridade, um corpo que transitou de gênero, que deixou de cumprir as imposições do gênero que lhe foram destinadas. Dentro da comunidade transgênera temos uma multiplicidade de nomes e corpos. Temos homens transgêneros, mulheres transgêneras, travestis, pessoas não binárias e identidades outras que possam a vir se reivindicar como identidades trans. Temos pessoas queer, genderfluid, entre outras identidades que podem ser lidas também como identidades não cisgêneras. A todos esses corpos a cisgeneridade e a compulsão binária atrelada ao genital custou caro, visto que todo corpo trans foi impedido um dia de manifestar a sua identidade no mundo, seja ela qual for. Esse processo de transição e afirmação seja binário ou não já é por si só violento, todos os corpos trans sem exceção são atravessados pela violência e pela marginalidade, pelo impedimento da sua fluidez.

Um erro constante é enxergamos a pessoa não binária como um corpo que não é trans, que é outra coisa! Para responder isso precisamos pensar que o não binarismo encontra na própria formação da sua linguagem uma negação, um não justamente contra a compulsão cisgênera que mutila e binariza os corpos. Quando uma pessoa reivindica uma identidade não binária ela está se dando o descanso da linguagem, está se relacionando com uma palavra que a deixa fluir e não lhe solicita uma cartilha de gênero que a adoecia e torturava. Desse modo mais do que negar o binarismo corpos não

binários estão negando primeiramente a cisgeneridade. Porque são corpos trans, são vivências trans, e toda a vivência que não se adequa aos moldes da cisgeneridade pode ser vista então como uma vivência transgênera. Um corpo que se deslocou das amarras de gênero impostas a ele, porque não lhe cabiam, porque não eram possibilidades, mas amarras destinadas desde o nascimento.

Então como uma identidade pode começar com um não? Porque é a partir da negação que podemos investigar e encontrar em nós uma outra identidade possível. A negação nos abre portas, nos traz dores insuportáveis ao passo que também nos desloca para outros mundos. A cisgeneridade nos adoeceu, produziu em nós marcas do não dito e do não vivenciado desde criança, marcas da punição causadas pelo poder e controle das polícias de gênero. Mas negar a cisgeneridade, dizer um não é apenas o começo de uma longa performance de gênero, onde possamos talvez começar a experimentar uma outra possibilidade, até então negada a nós, a todos os corpos trans, desde que demos o primeiro suspiro de vida. O não é a primeira porta que abrimos para que outros sim sejam possíveis de serem vivenciados e explorados, dentro e fora de nós. Negar também é uma forma de existir, e o primeiro passo de todo corpo trans é negar a cisgeneridade.



DESPATRIARCALIZACIÓN DEL LESBIANISMO: EL AMOR ROMÁNTICO EN LAS RELACIONES SEXOAFECTIVAS ENTRE MUJERES

Alejandra Mesa Pinilla
alejandramesapinilla@gmail.com

Dayana Sepúlveda Contreras
dayanasepulvedac3@gmail.com

El lesbianismo, más allá de ser una orientación sexual, es una postura política frente al patriarcado y la heteronorma, como muy acertadamente lo han sabido solidificar, con profundidades reflexivas de experiencias compartidas y de la estructuración multidimensional del mundo, renombradas feministas como Margarita Pisano, Dorotea Gómez y Ochy Curiel, por mencionar solo algunas autoras latinoamericanas. Quizá sea por nuestra proximidad con una sociedad y cultura que nos han determinado, desde antes de nacer, las posibilidades de materializar el amor, que no nos hemos dado cuenta, como lesbianas, de lo simbólico y transgresor que resulta el amor dirigido a una mujer y no a un hombre; de la desestabilización que produce en la masa de población masculina y femenina heteropatriarcal los actos y verbalizaciones del amor contrarios al establecido, sobre todo, con las manifestaciones de un pensamiento lesbofeminista que produce descolocaciones violentas en quienes intentan omitir nuestra presencia con anulaciones de nuestra identidad y sexualidad.

Las lesbianas, al ser criadas en hogares y sociedades patriarcales, machistas y sexistas, caemos fácilmente en las actualizaciones del amor romántico y nos convertimos en una ficha más para su funcionamiento. En medio del afán por ser aceptadas en una sociedad obsesivamente heteronormativa resultamos siendo protagonistas de una reproducción de roles y estereotipos que han sido históricamente (re)producidos por el modelo relacional heterosexual institucionalizado. Así es como llegamos a aspirar (y exigimos *el derecho*) al matrimonio típico católico; adoptamos roles tanto femeninos como masculinos, según las categorías

binarias de actividad-pasividad; somos obsesivas, controladoras y manipuladoras con nuestras parejas; relegamos el diálogo sincero para lanzarnos al descargue de nuestras inseguridades en celos y agresiones e, incluso, llegamos a cosificar a las mujeres, sin contar con el uso de otras para saciar nuestras mal aprendidas *tusas* y soledades. Y sí, cómo no referir a las muy en boga *relaciones tóxicas*, con las que nos jugamos dentro de ciclos de abusos y reconciliaciones repetitivos hasta el cansancio.



Cuántos de estos comportamientos y de este frenetismo de emociones no son contraproducentes con lo que simbólicamente representa el lesbianismo y cuántos de ellos no nos llevan a enmarcar nuestras propias relaciones dentro de uno de los más perfectos artificios para la dominación del amor y su encauce hacia la adoración de los hombres (por supuesto): **el amor romántico**. Se trata de un modelo relacional en el que se cumplen todos los criterios anteriores, bajo la ilusión de la felicidad, producto de la entrega sin medida a quien consideramos nuestro único amor verdadero y eterno. Tanto es el autoengaño que resultamos abrazándonos al propósito de anulación total y violenta de nuestra identidad y dignidad por el miedo a perder al "amor de nuestra vida", fuente de nuestra felicidad y estabilidad emocional; a perder

esa sensación de *corriente intensa* que nos derrite por dentro, y el miedo a obligarnos a vernos con pupilas sin sesgos ni pedestales y a ser incapaces de cumplir con expectativas impuestas, cuya consecuencia sería la decepción.

Sin embargo, estas formas de *felicidad* y de comportamiento de *arriba-abajo*, es decir, desde la institucionalidad, cobijada con la aceptación, aplicación y defensa por parte de las sociedades, son las que centenariamente han definido las dimensiones que hacen al ser humano en la totalidad de su sexualidad, en sus manifestaciones, formas y cantidades, al tiempo que ha determinado el castigo contra toda evidencia de aquello que se muestre como contrario. Con este boceto de lo permitido y del omnipresente poder sentenciador de lo heteronormativo en las relaciones amorosas es fácil afirmar que la postura lésbica tiene una oposición tan calada en la irracionalidad cotidiana de la sociedad, que ha llegado a instalarse, incluso, entre las mujeres autorreconocidas lesbianas.

Complicada es la deconstrucción para las parejas *heterosexuales* y *homosexuales*. El autocuestionamiento cuesta perdones, aceptaciones y retrocesos. Cuesta ver el reflejo de lo heredado y de la observación crítica del acomodamiento que es la reproducción de máximas irreflexivas que nos lastiman a nosotras mismas y a quienes amamos. En el avance y el error se va fundamentando el aprendizaje de algo enteramente nuevo y que también está al borde latente de desgajarse en tergiversaciones que nos impulsan a actuar dentro de marcos renovados del mismo amor romántico que escupimos cada vez que podemos. La incoherencia se convierte en pareja diaria de baile y empezamos a movernos en nuevas cáscaras con las que nos obligamos a una maduración prematura, buscando serpentear el escabroso trayecto de la deconstrucción del amor romántico que nos traspasa con quien tenemos al lado y de aquella estructura de la vida con el eje de una masculinidad que en el fondo seguimos anhelando.

Referencias

- Curiel, Ochy. (s.f.). *Género, raza y sexualidad. Debates contemporáneos*.
Gómez Grijalva, Dorotea. (2012). *Mi cuerpo es un territorio político*. Brecha lésbica.
La amenaza violeta. (1970). *Manifiesto lesbofeminista. La mujer que se identifica con la mujer*. Edición Ojo de bruja.
Pisano, Margarita. (2001). *El triunfo de la masculinidad*. Ediciones Surada.

Margarita Pisano nos sorprende cuando afirma que no es suficiente el promulgamiento orgulloso de un feminismo al margen de la estructura heteropatriarcal, sino que es necesaria la independencia de pensamiento y acción. Al igual que el manifiesto del movimiento Amenaza violeta, *La mujer que se identifica con la mujer*, durante la Segunda ola del feminismo, ubica a las lesbianas en el campo de la acción transgresora, del traspaso de lo prohibido. En las palabras del conjunto creciente de teóricas lesbofeministas no puede existir una opción distinta a la transformación de aquella omnipresencia apabullante del patriarcado. En últimas, el lesbofeminismo debe ser antipatriarcal en todas sus formas, antimachista, antirracista y anticolonial.

El amor sexual entre mujeres se contradice cuando no se autocuestiona ni se deconstruye, aún si no se inscribe dentro de las corrientes feministas que hoy conocemos. El compromiso de reflexión conjunta y de crítica inteligente sobre las maneras como buscamos ser radicalmente opuestas a todo lo que señalamos corresponde al llamado urgente del creciente despertar de las mujeres que se plantean otros modelos relacionales más sanos, en los que se pueda comprobar la existencia de la libertad que les pertenece en sus dimensiones constituyentes del ser humano (sexual, social, académico, etc.). Está en los libros, en nuestras teóricas feministas favoritas, en nuestros encuentros con otras mujeres, en nuestros *constant*es diálogos, discusiones y cuestionamientos, la respuesta para terminar con el amor romántico en el lesbianismo.

Posdata: A todas las mujeres que estén interesadas en la reflexión crítica y el aprendizaje dialógico, dentro de la corriente del lesbofeminismo, las invitamos a la conformación de un espacio propio. Pueden contactarnos al correo colectivolesbofeminista@gmail.com para establecer conexiones y encuentros pertinentes al tema, en Bucaramanga.

SIN-VERGÜENZAS: CREENCIAS INTERNALIZADAS

LaColectiva

IG: [@la.colectiva](https://www.instagram.com/la.colectiva)



¿Quién es LaColectiva?

LaColectiva es un grupo de artistas de la ciudad de Bucaramanga, que viene trabajando sobre el quehacer artístico en Santander y reflexionando acerca del género y sus implicaciones socioculturales; a partir de estas preocupaciones se da inicio a una búsqueda de identidad a través de expresiones artísticas que, entrando en consonancia con las experiencias propias, planteen análisis, cuestionamientos y discusiones a los roles asignados y relacionados con lo femenino, para generar

conocimientos y contribuir a las transformaciones sociales de la región.

El proyecto visual

¿Cómo se acostumbraban a comportarse los hombres? ¿Algunas conveniencias por ser hombre o mujer se consideraban “buenas” y otras no? Preguntas que surgen para indagar sobre los patrones de comportamiento que se fueron tejiendo a través de la historia, marcados por aspectos culturales en el núcleo familiar y que *LaColectiva* indaga, con la intención de entender cómo se fue construyendo la identidad regional, cómo esa identidad nos referencia en gran medida al papel que desempeña la mujer en la sociedad y cómo el hombre, con su autonomía de poder, ejercía el control y la autoridad.

Para ello, *LaColectiva* recurre a la investigación de Virginia Gutiérrez de Pineda, *Honor, Familia y Sociedad de la estructura patriarcal*, quien señala que las representaciones sociales de paternidad y maternidad en Santander forman parte de un entramado mayor que puede denominarse “el Código del Honor”. Este código fue constituyendo ejes de valoración social, señalando a cada género con indicadores surgidos de juicios y apreciaciones culturales. Con base en esto, el código orienta a la sociedad, y a través de este moldeamiento se instituyen principios que sirven de mecanismo para premiar o sancionar, según cumplan o traspasen los rasgos típicos del comportamiento internalizados para cada género. *LaColectiva* se apropia del paisaje cultural santandereano que Virginia nos describe a través de su investigación, para hablarnos y debatir sobre las normas de comportamiento cimentadas en el seno de la familia. Es así que *LaColectiva* irrumpe en la sala de exposición entretejiendo un espacio de vivencia, donde se cimientan estas creencias sobre el comportamiento: el hogar. En la obra transitan combinaciones y relatos, se hacen visibles objetos que son al mismo tiempo realidad y metáfora, cuya carga simbólica está profundamente relacionada con lo íntimo, con la mujer, el sexo, los recuerdos y los anhelos.

Este espacio creado será un territorio en construcción. En él circularán saberes, afectos, creencias anacrónicas, resistencias, supervivencias y nuevas narrativas donde se invita al espectador a entretejer un nuevo imaginario que controvierta el pasado cultural de la región.



Yadira Polo
Artista visual

